



História da Historiografia: International  
Journal of Theory and History of  
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História  
da Historiografia

Afonso da Silva, Daniel

O peso da memória na História

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,

vol. 8, núm. 19, 2015, pp. 175-180

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769580011>

- ▶ Cómo citar el artículo
- ▶ Número completo
- ▶ Más información del artículo
- ▶ Página de la revista en redalyc.org

# O peso da memória na História

The weight of memory in history

NORA, Pierre. *Esquisse d'ego-histoire* – précéde de L'histoire selon Pierre Nora par Antoine Arjakovsky. Paris: Desclée de Brower, 2013. 97p.

---

**Daniel Afonso da Silva**

daniel.afonso66@hotmail.com

Pós-doutor

Ceri-Sciences Po de Paris

Rua Eugênio Gomes, 52 - Jardim Pérola  
08474-350 - Cidade Tiradentes - São Paulo  
Brasil

---

## Palavras-chave

Memória; História; Presente.

## Keywords

Memory; History; Present.

175

---

Recebido em: 1/5/2015

Aprovado em: 6/8/2015

Colombey-les-deux-Eglises. Haute-Marne. Noroeste da França. 9 de novembro de 1970. 19h10. Morre Charles de Gaulle (1890-1970). O general. O homem do apelo do 18 de junho de 1940. O herói da resistência. Da França livre. Da reconciliação franco-alemã. Da abertura das fronteiras. Da construção europeia. Do “*non dans l’histoire*”, no dizer de André Malraux. Aquele fim de tarde, início de noite, marcou profundamente a vida e o destino de todo francês. Gaullistas e anti-gaullistas. Desaparecia o personagem nacional dos mais marcantes daquela geração. Os norte-americanos tinham vivido experiência similar em 1945, no adeus ao seu presidente Franklin Delano Roosevelt (1882-1945). Os soviéticos, à sua maneira, sentiram essa emoção em 1953, nos funerais de seu Josef Stálin (1878-1953). Os britânicos vivos jamais esqueceriam o aziago ano de 1965 quando seu primeiro-ministro Winston Churchill (1874-1965) se foi *forever*. A morte de De Gaulle levara os franceses a sorver o luto e as consequências de sua dor. O silêncio perpétuo do general fazia completo o *tableau* no além dos valorosos que estiveram na proa da superação do “inferno”, como entende Max Hastings, da segunda guerra mundial. Uma página da história mundial, portanto, foi virada naquele outono de 1970. Mas uma carga ainda maior de história e memória seria movida na história e na memória dos franceses.

De Gaulle e seu gaullismo forjaram uma consistente unidade nacional germinada no movimento da libertação. O trauma da ocupação nazista, da capitulação do marechal Pétain e do governo de Vichy teriam como paralelo somente os tempos soturnos da decapitação do monarca e dos seus nos anos que sucederam 1789. Desde 1944 esse homem que partira a Londres em 1940 para organizar e liderar a resistência fazia parte do imaginário dos franceses. Era tido como a providência. Muita vez, o salvador. Após certo ostracismo, ele retornaria em 1958, aclamado pelo povo, para solucionar os contritos da França com a Argélia. Fundaria a V<sup>a</sup> República. Redefiniria as instituições francesas. Venderia a “*grandeur de la France*”, como magistralmente descreveria Maurice Vaïsse.

As agitações de Maio de 68 lhe colocariam em questão. O ano seguinte, 1969, sua retirada da vida pública seria sem volta. De sua *Boisserie*, depois daquele fatídico 9 de novembro de 1970, vivo, ele não sairia jamais.

O sofrimento em torno desse incidente, a morte de seu general, foi sentido aos instantes. Não tardou que os franceses começassem a admitir certa orfandade. O homem do *18 juin* se calara para sempre. À tout jamais. A unidade nacional que ele representava passou a ruir. Ou ao menos ruir mais velozmente. Não por coincidência, a *grandeur* da França começou também a ser fortemente contestada. Verdade que os protestos de 68 produziram certa negação dela, mas a partir de 1971 tudo foi ficando muito mais evidente. Foram sendo reveladas e exaltadas as atrocidades cometidas pelos franceses contra franceses durante a ocupação. A deportação de judeus da França para Auschwitz era deveras sabida. Mas os relatos de açoitamentos e maus-tratos foram se multiplicando e escandalizando. O “*affaire Touvier*” – Paul Claude Marie Touvier, condenado à morte por colaboracionismo nos anos de ocupação e agraciado

pelo presidente Georges Pompidou em 1971 – causou grande espécie. O filme-documentário *Le chagrin et la pitié* de Marcel Ophüils, com depoimentos de sobreviventes de Vichy, causou imensa apreensão seguida de desilusão. O estudo pioneiro de Robert Paxton, *La France de Vichy*, demonstrando a plena e progressiva cumplicidade do marechal Pétain com a extermínio de judeus, causaria profunda indignação. Muito da possível unidade nacional francesa estava, assim, depauperada e nenhum político ou líder intelectual foi capaz de restaurar. Somado a isso, nos anos de 1970, a França assistiu taciturna ao fim de seus trinta anos gloriosos. Viu sua população rural, *les terroirs*, virar urbana – em 1945 os campesinos representavam 45% dos franceses; em 1975, eram menos de 10%. Além de suas fronteiras, o choque do petróleo e o desenlace das descolonizações reacendiam inapelavelmente os traumas da relação francesa com a Argélia, em especial, e com toda a região do norte da África em geral.

Esse conjunto de transformações, somados aos desdobramentos da *cold war*, alterou o centro de gravidade da memória, da história e da História. A disciplina, História, deslocada do coração da política para ganhar autonomia científica e acadêmica em fins do século 19, entrou em profundo exame consciênciia. O presente reganhou seu lugar. Luta política cotidiana voltou, mais fortemente, a mobilizar memórias. Os eventos e acontecimentos hodiernos passaram a demandar mais atenção e julgamento. Ora da memória, sempre da História – memória de testemunhas dos acontecimentos; História como disciplina em mutação especialmente na França. O tempo presente passou a ter alguma dignidade na reflexão de História e de memória. Depois da percepção francesa da grandiosidade do 9 de novembro de 1970 essa tendência de valorização do presente só fez crescer nos domínios da História. Malgrado a atuação de jornalistas. A despeito das malversações dos políticos. O adágio corrente do general “*l’histoire n’est pas une nostalgie*” foi sendo compreendido em sua essência. A história e a memória do tempo presente, como legítimo campo de estudo da História, viraram verdade. Ou, ao menos, novamente assunto para historiadores como defende Pierre Nora em seu notável *Esquisse d’ego-histoire*.

Maestro de orquestra da *Nouvelle histoire*, Pierre Nora vem tornando célebres e notáveis diversas gerações de escritores – notadamente historiadores – desde os anos de 1970. Desde essa época, ele vem sendo o responsável principal da área de ciências humanas e humanidades da prestigiosa casa de edições Gallimard. Praticamente todos os grandes historiadores da terceira geração da escola dos *Annales* – que sucederiam, preservando e modificando, as matrizes historiográficas da geração do eterno Fernand Braudel – foram por ele, Pierre Nora, publicados. Todos pelo selo *Bibliothèque des Histoires-Gallimard*. Mesmo o manifesto da nova história, concretizado em *Faire de l’histoire* de 1974, foi suscitado, produzido e editado por ele, Pierre Nora. Sua promissora carreira de editor caminhou ligada à sua carreira de historiador. Editor da Gallimard e professor na École des hautes études en sciences sociales, a EHESS, foi o essencial de seu percurso.

Desde o início de sua carreira sua obsessão como historiador sempre recaiu sobre o presente. Entretanto, a escola dos *Annales* a qual era ligado tinha como foco o passado. Mesmo sendo do conhecimento de todos *L'étrange défaite* de Marc Bloch. Os responsáveis pelo presente, mais precisamente a história do tempo presente, eram Pierre Renouvin e Jean-Baptiste Duroselle, na Sorbonne e na Sciences Po, adversários acadêmicos dos seguidores do grupo da EHESS e, portanto, de Pierre Nora. Mesmo isolado em sua escola dos *Annales*, Pierre Nora segue seu comprometimento com o tempo presente. *Les Français d'Algérie*, seu primeiro livro, constata essa *démarche*. Sua contribuição ao *Faire de l'histoire* daria os contornos da escolha e seus *Essais d'ego-histoire* confirmariam o percurso. Mas foram seus sete volumes de *Les lieux de mémoire* que consolidaram sua *expertise* como historiador do presente tanto que editor. Essa sua dual importância e originalidade levou François Dosse, dos mais produtivos historiadores-escritores de sua geração, a consagrá-lo o monumental *Pierre Nora. Homo historicus*.

Além de biografar seu colega e amigo Pierre Nora, François Dosse lhe induziu a publicar em livro artigos espalhados por jornais e revistas franceses dos últimos 40, 50 anos. Dessa empresa Pierre Nora daria a luz em 2011 a *Présent, Nation, Mémoire e Historien publique. Esquisse d'ego-histoire* recobra o sentido destas duas publicações. Consiste no agrupamento de duas manifestações públicas suas – “*Esquisse d'ego-histoire*” quando do seminário *Histoire et mémoire de la Shoah* a 3 de maio de 2012 no Collège des Bernardins e “*L'historien, le pouvoir et le passé*” quando da comemoração do Tricentenaire de l'Académie des arts, des lettres et des sciences a 3 de outubro de 2012 em Bordeaux.

Circundado na tese da alteração do centro de gravidade da História nos últimos 30, 40 anos, Pierre Nora nessa *Esquisse d'ego-histoire* vai ressaltando a importância da reflexão histórica e historiográfica sobre o presente. Desprezado pelos historiadores, o presente – mais que o passado – incide em campo permanente de batalhas historiográficas. Não se trata de presentismo de fluíção de acontecimentos, ou seja, de história instantânea de interesse jornalístico. Mas de responsabilidade do historiador sobre o presente objetivando conferir-lhe justamente história. O império dos acontecimentos torna a vida, e a história, aparentemente “líquida” e leve. O ofício do historiador nesse sentido compete demonstrar, como sugeria o mestre Braudel, que “o passado sempre tem algo a dizer”. E fazer entender que o momento incerto e inseguro que vivemos, ao menos desde meados dos anos de 1970, possui continuidades e suspensões carregadas em história e memória que precisam ser afrontadas pela História. Como demonstração dessa sua preocupação, Pierre Nora apresenta, dentre outras, duas situações concretas que demandam e induzem ao labor os historiadores. Primeira: a multiplicação das comemorações. Segunda: o aumento da longevidade das pessoas.

Considerando a França como chão de análise, Pierre Nora indica que de 1880 a 1980 foram criadas e ratificadas pela Assembleia Nacional 6 datas comemorativas oficiais. Entre elas o próprio *14 juillet*, dia da festa nacional. De 1980 a 2005 foram criadas mais 6. Vê-se, assim, uma clara aceleração da

multiplicação de datas comemorativas. Essa aceleração induz, portanto, à fixação de totens no calendário oficial francês. Essa condição leva historiadores a temas e problemas muita vez externos de seu cotidiano de historiador. Novas datas acendem debates públicos, históricos e historiográficos. Ora monopolizados por políticos interessados em seu destino eleitoral; ora por jornalistas afeitos à celebração do momento. Mas, mais que isso, novas datas acabam conduzindo a justificação de histórias em detrimento histórias. A afirmação de periodizações muita vez massacrando outras. A imposição de temas e problemas quase sempre em menosprezo de outros. Alguns consideram isso como demandas sociais da História. Outros consideram os usos públicos dela. Independentemente dessa discussão, o impacto disso sobre o ensino de História e sobre a reflexão historiográfica representa para Pierre Nora a reticência maior.

O segundo fator de reticência consiste no impacto da longevidade humana adquirida nos últimos tempos sobre a História. A longevidade de sobrevivente das “eras dos extremos” acabou por proporcionar oportunidade, neste início de século 21, para a revanche das vítimas. A história vista de baixo foi engolida pela demanda das vítimas. A “memória viva” de incidentes passados e traumáticos do século 20 cada vez mais vem sendo mobilizada com fins de reparação, negação e revisão. Essas operações – reparação, negação, revisão – competem à classe política e judiciária. Mas a ratificação delas – os elementos de prova e verificação – ficam a cargo de historiadores. A eles, historiadores, cumpre, nesses casos, mais e mais, arbitrar entre “memória viva” e a “memória histórica”. Essas memórias – a humana e a histórica – jamais estiveram em campos tão opostos como nos tempos que correm. Essas novas demandas impõem ao historiador rever suas práticas e seus conceitos no sentido de reconhecer o peso pesado da memória no presente e na História.

179

## Referências bibliográficas

- BLOCH, Marc. **L'étrange défaite**. Paris: Franc-Tireur, 1946.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilisation materielle, économie et capitalisme – Xve XVIIIe siècle**. Paris: Armand Colin, 1993.
- DOSSE, François. **Pierre Nora**. Homo historicus. Paris: Perrin, 2011.
- FRANK, Robert (dir.). **Pour l'histoire des relations internationales**. Paris: PUF, 2012.
- HASTINGS, Max. **Inferno. The World at the war. 1939-1945**. Londres: Haper press, 2011.
- MALRAUX, André. **Non, fragments d'un Roman sur la résistance**. Paris: Gallimard, 2013.
- NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques. **Faire de l'histoire**. Paris: Gallimard, 1974.
- NORA, Pierre. **Essais d'ego-histoire**. Paris: Gallimard, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Les Français d'Algérie**. Paris: Julliard, 1961.

- \_\_\_\_\_. **Les lieux de mémoire.** Paris: Gallimard, 1997. 7 vols.
- \_\_\_\_\_. **Présent, Nation, Mémoire.** Paris: Gallimard, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Historien publique.** Paris: Gallimard, 2011.
- PAXTON, Robert. **La France de Vichy, 1940-1944.** Paris : Editions Seuil, 1973.
- VAÏSSE, Maurice. **La grandeur:** la politique étrangère du général de Gaulle (1958-1969). Paris: Fayard, 1998.